

Os Ladrões de Casaca

NO RIO DE JANEIRO.

Aos nossos assignantes.

Rogamos aos Srs. assignantes que não receberem pontualmente os *Ladrões de Casaca*, o favor de enviarem suas reclamações á nossa typographia.

Tanto recommendamos a leitura do ROMANCE HISTORICO que publicamos, que não relevaremos a menor falta na entrega das folhas.

O Redactor dos « Ladrões de Casaca » ao Publico.

Temos necessidade de dar hoje expansão aos sentimentos que nos transbordam n'alma. Temos o dever restricto de fallar a verdade ao povo, *maximé* quando esse povo illudido em sua boa fé pelos tribunos falçes da imprensa diaria, atira baldões e censuras acres, contra todos os periodicos que se apresentam em pequeno formato.

A' esse povo, que se esquece, que o homem nasce criança, e que só passados alguns annos pode ufano de si calcar o solo onde rojou de rastos.

Na lide afanosa dos jornalistas, não faltão Eraclytos que se riam dos esforços e dedicações d'aquelles que tudo sacrificam ao povo, ou para levar-lhe a instrucção ao ceio das familias, ou para apontar-lhes os vicios da sociedade como um aviso impagavel para evital-os.

Do riso nasce o escarneo, do escarneo a torpesa d'alma, a leviandade, a falta de senso!

Rir-se do menino que por sua idade infantil ainda se serve das mãos para arrastar-se, é rir-se de si mesmo.

Não ha homem que nasça feito: não ha empresa que seja fadada pelo *fiat* e que se apresente de prompto grandiloqua e feliz.

Os annos, a applicação, o estudo, e os trabalhos, são os mestres tantos dos homens como das grandes empresas.

Mas por que zomba o povo, e amesquinha toda a imprensa que não é o *Jornal do Commercio*?

E' por que neste paiz o povo não tem vocação sua.

Guia-se como o menino a que o pae que não lhe presculta genio, diz de sobre sua authoridade paternal—has de ser sapateiro!

E o misero, que sente em seu cerebro ferver-lhe as inspirações, que vê sobre sua cabeça um céu de puro azul, que descortina com a vista do poeta os montes alcantilados, os ferteis horizontes onde sua alma pode vogar no ether puro, diz que o pai tem razão, empalma a sovella e o corol, e se faz um sapateiro pessimo e dasastrado!

E' porque este povo não custumeiro a pensar por si mesmo, procura no *Jornal do Commercio* o typo de seu ideal, e adopta todas as idéas calculosas ali ingendradas em proveito unicamente da ardilosa empreza.

O *Jornal* marca-lhe a norma de sua conducta: o povo se curva e bate palmas á empreza usuraria.

Mas quem é esta potencia que tudo pode sobre os altos poderes do Estado, domina os ministerios, recebe o serviismo dos eleitos da nação, entra com passo igual pelas ufanas cadeiras dos *principes* legislativos?

Volvamos os olhos para as sombras do passado.

Ali, ante a lapide dos tempos vagueia o espectro de um subdito francez.

Plancher foi o seu nome, e elle se apresentou nesta misera sociedade, travado em suas mãos em athomo de periodico, que mais tarde, modesto entre os modestos, o titulo de *Jornal do Commercio*.

Tão microscopico era elle, que os velhos carranças o liam de uma só vista d'olhos, ao sorverem uma larga pitada de esturro.

Si o publico tivesse de rir-se fal-o-hia então desse mesquinho *Jornal* combatido pelas reclamações dos *fintados* assignantes; fal-o-hia em frente dessa mesma casa n. 65 da rua do Ouvidor, então de uma só porta, onde se agglomeravam os meirinhos para penhorarem-lhes os carcomidos typos:

Mas o publico sensato daquellas epocas não se rio....

A imprensa era uma necessidade, e passando a novos proprietarios seguidores do calculo de *Plancher*, o pequeno *Jornal* prosperou sob a firma de *J. Villeneuve* também francez e no entanto cidadão brasileiro.

Então avassalou o Rio de Janeiro, o seu povo e o seu governo! Ter-se uma potencia, deu as cartas, cortou-as, e virou sempre o rei!

E hoje é do tamanho de uma toalha sobre a qual comem, Villeneuve filho, a familia Castro, os escrivinhadores de todos os generos de que usa, os homens do balcão, e a caixa de Soccorros de D. Pedro V. representada pelo ex-entregador do mesmo *Jornal* um perfeito *mala-grida*.

Não trazemos á publico pregão, as tricas e alicantinas de quasi todos os empregados do *Jornal*, antes de chegarem ao pé da prosperidade em que se acham.

Bastar-nos-ha descrever alguns traços physiologicos desse papelão quadrilongo, publicador de uma *gazetilha* estulta e mentirosa, e de quantas descomposturas obsecnas e avilhantes lhe atiram ao balcão.

Dai 420 rs. por linha a esse pasquim em grande formato, e elle atrophiará a honra da familia mais recatada, a dignidade do mais conspicuo cidadão, as inunidades do *ministerio decahido*.

Jornal de todos os partidos, comtanto que lhe paguem; *jornal* que brada *morra o morto e viva o vivo*; *jornal* sem pejo de mentir para ganhar: é a maior calamidade que pésa sobre este Rio de Janeiro! E' o pelourinho inerme onde se açoutam os benemeritos da patria, o Imperio e o Imperador, a donzella, o mancebo virtuoso, os velhos e os meninos!

Mas pagai-lhe e dizei-lhe. — Si vos *trovarem* alguma coisa contra mim, não publiqueis.

E elle assim o fará embora a parte contraria tenha caradas de razão, embora a moralidade clame, e a justiça reclame!

E se apregôa imparcial!

A sua imparcialidade foi só entendida quando deixando de lado as conveniencias sociaes comprou, annunciou, e

publicou com grande espalhafato a *San Felice* de Allexandre Dumas, onde a avó de nossa Imperatriz appareceu como uma prostituta de infama especie, e seu marido e rei como um estúpido, um relapso, um membro convivente da irmandade de S. Cornelio!

Sua imparcialidade faz ponto ante todos os ministerios, e a todas as policias! E por que? por que estas e aquelles, lhe enche annualmente a burra voraz de centenas de contos de reis do Estado para calar seu erros, cantar seus desmandos, pintar com as cores do patriotismo seus caracteres batidos em almoeda da gaveta dos traficantes!

E assim, tudo quanto o publico colhe com enthusiasmo, lê e admira, compulsa e estuda como uma lição de Socrates emanada do papelão!

Indaguai agora o que faz elle em prol do Brasil.

Vede o seu folhetim escripto por francezes, e perguntai-lhe si isto favorece as letras patrias!

Vede as suas columnas reflectos de elogios a estrangeiros, e dizei-nos onde engrandece elle o nome brasileiro?

Procurai, indaguai... O *Jornal do Commercio* é sempre o *Cacus mythologico*, o amigo intimo do heroe dos Valetes de Copas.

Propriedade de um brasileiro de origem franceza, brasileiro que foi nas fachtas infantis para Paris, que hoje conhece mais as guizettes e Napoleão III, do que a bahia do Rio de Janeiro e o Pão d'Assucar, elle se aglomerou aqui de inteligencias de alem mar, e o seu antro se assemelha a uma fortificação inimiga erguida em ouzadia em paiz conquistado.

Esse proprietario que é todo francez, que não sonha senão na teta do Brasil, faz de lá o que lhe fazem d'aqui os seus delegados commerciaes.

Roubam-se reciprocamente.

O francez por, exemplo, compra lá a licença de traduzir-se um romance de qualquer de suas notabilidades orelhudas pela quantia de quinhentos ou seis centos mil reis; envia em seguida a obra impressa, já lida e relida em todos os botequins, e o faz acompanhar da seguinte nota: — Acredite-nos em nossa conta pela quantia de 30 ou 40:000\$000 que demos pela compra da obra tal à *Monsieur Quelque-chose, etc.*

E no fim do anno lá vai, alem dos lucros de propriedade, mais o acrescimo *despendido* em Paris.

Os de cá fazem o mesmo: vingam-se do *mitra* e o *mitram* por sua vez no rol das quantias fabulosas pagas a advogados, escriptores, agentes etc., quando todas essas despesas provadas com os proprios dados não chegariam á um terço!

No seu favorecer de grandes lucros, o proprietario de lá diz que o *Jornal do Commercio* é portuguez e conta que por isso deve ganhar muito dinheiro no Brasil; ao passo que os de cá querendo *illustrar o patriotismo* deste povo, afiançam que a folha é franceza e que por essa qualidade deve contentar a frivolidade dos nacionaes.

Assim joga-se com a boa fé publica, assim se apoderam do animo de toda esta sociedade brasileira, a que não se dá o direito de pensar por si, e guiar-se por sua propria vocação.

E tão inveterado está o publico nas espertezas e pieguias do *Jornal do Commercio* que deprecia os seus escriptores e os seus jornalistas em proveito do voraz papelão.

Mas, se ha folha immoral é o *Jornal do Commercio*; se ha folha que nada respeite, que atrophie tudo quanto ha de mais puro e sagrado na grande familia brasileira, é esse abutre do commercio, esse cancro roedor para o qual não ha carne que baste nem ganancia que lhe farte.

ROMANCE HISTORICO

Balcão Baralho e Brazão

OU

As proezas dos ladrões de casaca

POR

R. B.

(Continuação do numero 3)

VIII.

Ha dez minutos, seguramente que todas as pendulas do Rio de Janeiro, dão cada uma por sua vez uma pancada marcando seis horas e meia da manhã.

Na Praia de D. Manoel, o *Commendador*, e seu amigo Siqueira acabavam de saltar para dentro de um escaler dizendo aquelle ao homem do leme:

— Para a *Barca Portuguesa* que acaba de entrar no porto.

E dirigindo-se á Siqueira de modo a ser entendido pela tripolação:

— Com que, estaes resolvido a passar hoje o dia á bordo com a rapaziada que chegou?

— Certamente. E V. S. não levará consigo o Adriano de Sampaio que se acha á bordo?

— Oh! certamente! Mas, infelizmente, creio que elle vem com destino á casa de sua cunhada a viuva D. Maria da Silva.

E immudeceram.

O pequeno batel cortou as ondas obdecendo ao impulso dos remos e se afastou da praia.

Dez minutos depois atracava a bordo de um navio mercantil procedente de Lisboa. O capitão estava sobre o tombadilho, tirou o chapeo assim que avistou o commendador e veio recebê-lo.

— Como foi de viagem? perguntou o recém-chegado.

— Optimamente, Sr. Commendador.

— Trouxe-me os barris?

— Sim senhor, e bem acondicionados. Os paios são excellentes, sendo os do fundo muito melhores.

— Percebo. E não houve avaria?

— Qual! O *negocio* vem bem acondicionado.

— Está bem.

— Não se esqueça V. S. que trago uma carta de ordens...

— Ha de ter o seu *quinhão*, Sr. Capitão, sou eu quem lhe affirmo.

— Confio em V. S. Ainda não recebi a visita, e não houve novidade.

— Muito bem.

Os barris de paios traziam fundos falços, e o leitor já terá advinhado que, bem como os fundos, eram falças as notas do Thesouro Nacional do Brasil que n'elles se continham.

O *Commendador* depois de haver trocado estas palavras com o capitão do navio fallou-lhe em segredo por espaço de cinco minutos, e apoz isso accenou ao Figueiredo, dizendo-lhe:

— Vamos visitar a camara do Sr. Capitão.

Ora este capitão era obsequiador e condescendente. Passou adiante e entrando em seus aposentos offereceu ao commendador um par de calças com alcapão á maruja, um dos seus cazacões de ouvir missa aos domingos, e um collete azul com botões de madreperola.

Depois retirou-se dizendo:

— Vou incluir na lista dos passageiros vindos de Lisboa, o nome do Sr. Adriano de Sampaio.

Os dois socios ficaram á sós.

Então sem perder tempo, o Siqueira despio-se e preparou-se com as roupas fornecidas pelo Capitão.

O Commendador poz-lhe sobre a cabeça uma cabelleira grisalha, e depois tirando da algibeira um vidrinho de verniz pregou sobre as sombrancelhas do Siqueira umas postilhas da cor dos cabellos, poz-lhe uns grandes bigodes idempícos, assim como umas suissas espessas perfeitamente igual á essa mascarada.

O Siqueira estava transformado, a mutação era completa, ninguém reconheceria mais nelle o tão conhecido negociante do Rio de Janeiro.

Mas ficavam-lhe sempre os mesmos olhos: o Commendador cobri-os com um par de oculos de vidraça verde, e poz-lhe sobre a cabeça um chapeo de feltro desabado que trouxera de terra.

Feito o que, foram buscar o Capitão, despediram-se e saltaram para o escaler.

O homem do leme era fallador, e não se eximio de perguntar:

— Então o outro homem sempre quiz ficar á bordo?

— E' um maniaco pelos patricios, respondeu o Commendador. Lá achou amigos, e bom almoço, e não é provavel que volte senão com elles.

D'ahi á poucos minutos estavam em terra.

O Commendador pagou o frete, saltou com o Sr. Adriano de Sampaio, e chamou um carro da praça.

Davam oito horas da manhã, quando o vehiculo de aluguel parou em frente da habitação da Sra. D. Maria da Silva.

O Commendador com o supposto Adriano, desceram immediatamente e penetraram no saguão: d'ahi subiram o primeiro lance da escada, d'onde o Commendador gritou com ar folgazão e fazendo-se intimo da familia:

— Oh! minha Sra. D. Maria da Silva! Trago á V. Exc. um parente de seu marido que encontrei á bordo da barca portugueza! Que achado, minha senhora!

E rio-se com satisfação galanteadora.

Mas em vez de quem esperava, foi mestre Leandro que appareceu no alto da escada dizendo:

— Minha ama não está em casa, Sr. Commendador.

— Venha cá Sr. Leandro, disse o Commendador sem desorientar-se.

Mestre Leandro desceu.

— Conhece aqui o senhor?

— Não tenho essa honra.

— Pois nem eu o conhecia tambem. Mas indo esta manhã á bordo da barca portugueza que chegou de Lisboa, lá encontrei entre os passageiros este senhor que interrogava a um outro pelo seguinte modo:

— « Saberá V. S. dizer-me onde reside a Sra. D. Maria da Silva, viuva de um antigo militar? »

— « Sei eu, meu senhor, lhe respondi. Conheço perfeitamente essa senhora que muito me honro com a sua amizade. »

— Então elle me disse:

— « E' minha cunhada. Sou irmão de seu fallecido marido, e tendo negocios a tratar no Rio de Janeiro, onde venho pela primeira vez, lembrei-me de hospedar-me em sua casa, a fim de tambem ter a satisfação de conhecer essa minha nobre irman e minhas duas sobrinhas. »

— « Suas quatro sobrinhas, lhe disse eu. »

— « O mano só me participou o nascimento de duas, disse-me elle. » Em fim, Sr. Leandro, folguei do encontro e fui o guia do Sr....

— Adriano de Sampaio, disse o Siqueira.

— Do Sr. Adriano Sampaio, concluiu o Commendador. Mestre Leandro, disse então:

— Minha ama não está em casa; mas creio que ella terá muita satisfação de receber em sua casa o senhor seu cunhado, de quem aliás nunca ouvio fallar.

— O *mano* foi um ingrato para os parentes, disse o falço Adriano. E' bem provavel que nunca fallasse de mim á sua familia.

— Não o affirmo, senhor, mas creio que foi assim, disse Leandro.

E em seguida pedio ao recém-chegando que subisse que a senhora pouco tardaria.

O Commendador despedio-se de Adriano dizendo:

— Quero levar ao cabo a minha dedicação. Si V. S. me permite eu despacharei a sua bagagem e lhe remetterei aqui.

— E' muito favor, senhor ser-lhe-hei eternamente grato.

E subio com Leandro.

O Commendador tornou para o carro de aluguel dizendo entre si:

— Ora finalmente, está o Siqueira instalado!

IX.

Após a instalação do Siqueira, bateu palmas na escada o interessante e ruivo par Cotindyba.

Uma criada appareceu.

— A senhora não está em casa, disse ella.

— Não importa, Faustina, sou eu, D. Florisbella e seu irmão o Sr. Dr. Cotindyba.

E foi subindo.

Na sala de jantar encontrou-se com D. Hortencia, a filha mais moça de D. Maria.

— Oh? minha comadrinha! Já levantada! Onde foi a madrugada de mamãe?

— Foi á Copacabana.

— Xi! E fazer o que?

E deu um beijo na face da donzella.

— Ver uma desordem dos operarios, que estavam sendo presos.

— Está bem. O negocio ha de se acomodar. Você manda subir o meu cerimonioso irmão, que está se fazendo de bom por que a mamãe não está em casa?

— Oh! pois não! Faustina, manda subir o Sr. Dr.

Faustina chegou á escada e voltou dizendo:

— O Sr. Dr. já se retirou.

— Coitado! Não póde descansar um instante! Naturalmente foi visitar os seus doentes. Onde estão Paulina, Minervina e Carolina?

— Lá dentro ao lado de um tio nosso que acaba de chegar de Lisboa.

— Ora essa! Pois agora é que elle se lembrou de vocês?

— E' verdade. Pessoa alguma o conhecia aqui.

— Ha de ser algum *pinga*.

— Qual! Elle disse que possui muitas quintas e castellos.

— E é solteiro? perguntou D. Florisbella accommetida de um pensamento.

— Elle disse que sempre teve horror ao casamento.

— Com effeito! Mas é bem mal pensado. Convem des-
terrar-lhe esse terror... Mas, vamos para dentro, bem
sabes que sou de casa.

E D. Florisbella sem mais cerimonia foi ter com as
moças que á porfia interrogavam o supposto tio.

(Continúa.)

A PEDIDOS

Licor hygienico de Guaranã.

O que deve o publico fluminense e os das provincias, aos Srs. Aleixo Gary e Comp. é facto consumado e que se comprava, pelos optimos productos de sua casa, pelo seu zelo incansavel de proporcionar-lhes as drogas mais salutarés, de preparar-lhes remedios tão promptos e suaves, que com maravilhosa prestesa muitas enfermidades tem desaparecido sem a assistencia do medico.

Agora acabam elles de annunciar o *Licor hygienico de Guarana do Dr. G. Lambert*, este tonico inestimavel, este refrigerante de uma efficacia maravilhosa e que veio de xôfre supplantar quantos se preparam para os mesmos fins.

E' justo pois que rendamos a devida homenagem ao talento, actividade, e zêlo humanitario dos Srs. Aleixo Gary e Comp. E' justo que digamos aos nossos concidadões—hide ao deposito geral da rua dos Ourives n. 107 e admirai por vós mesmo a maravilha que vos annunciamos.

Rapé Paulo Cordeiro.

Não é sem razão que os apreciadores da boa pitada indicam o *Princeza de Lisboa* como o primeiro refrigerante nasal.

Pela nossa parte fazendo echo com esses propaladores, podemos entretanto agora modificar a nossa opinião em prol do *Rapé Paulo Cordeiro* melhorado em suas condições hygienicas, fresco e agradavel, como ainda não pôde attingir a taes resultados o de Lisboa.

Hoje que o espirito publico se esclarece, está provado que, a supremacia dada ao primeiro, provinha de ser elle expatriado, passar a linha, viajar em fim, e chegar ao Brasil mezes depois de seu fabrico.

O rapé viajado adquire outras qualidades torna-se melhor.

Mas o de Paulo Cordeiro sem essa condição tornou-se hoje o melhor devido á pericia do fabrico e aos melhoramentos por que passou.

Os amadores o encontrarão no deposito da rua Direita n. 65 onde como apreciadores imparcial temos a satisfação de annuncial-o.

Um amigo.

A crusada dos ladrões de casaca.

Se Roma gozou de prosperidade e socego no tempo de Augusto Cesar, tambem foi em decadencia pela crueldade de seus successores—Tiberio, Caligola, Claudio, Nero, Galba, Othon e Vitellio—E' a sorte das nações quando a sociedade se acha desmoralisada e corrompida.

Ali governava-se o povo com o terror, aqui com a corrupção. Ali os Patricios enriqueciam-se com o suor das Nações que conquistavam, aqui com o suor dos Plebeos. Ali degollavam-se os traidores da Patria, aqui premeam-se! Ali tudo estava alerta em tempo de guerra (até os Ganços do Capitolio) aqui tudo está descuidado e tranquillo, com sacrificios de milhares de vidas precisas.

Causa espanto, quando se vê no meio de tanta calamidade, as casacas multiplicar em sua riqueza e os Patricios a sua ostentação e ennobrecimento!

Deos porem não dorme, algum dia conduzido dos infelizes Plebeos mandará sobre a terra seus raios fulminar as cabeças daquelles que têm causado tantas desgraças.

(Continua)

Aos terceirenses residentes no Brasil.

AVISO PHILANTROPICO.

Se alguém pretender remetter encommendas a suas familias para os Açores, previne-se que não seja pelo Sr. Joaquim Martiniano Vidigal, actual capitão do patacho — *Segredo* —, propriedade do Sr. João de Freitas da Ilha Terceira, porque sua probidade se acha *bem duvidosa*; em virtude de um acto-insensato que S. S. acaba de pôr em relevo nesta côrte. Quem quizer que lhe pergunte, quem o authorizou a vender as *encommendas* que traz para este Imperio negando-as a seus donos que lhe mostram as competentes *cartas*. Por isso dizem por ahi que estamos no seculo das luzes!!! vendermos o *alheio*, ou offerecê-lo á luz de um sol quando no zenith, é dar provas não dubias de nossa *robusta intelligenela*!...

Um que conhece o maganão.

Ao patacho SEGREDO; mas não é segredo.

Pergunta-se ao Capitão do patacho — *Segredo* — quem o authorizou a vender certas encommendas que trouxe da Ilha Terceira á uns moços existentes nesta côrte, desculpando-se sob pretextos futeis, e bem insensatos. Talvez as offercesse ás meninas que trouxe ou ás que tem aqui... e que a authority competente mandou reter a bordo, para serem arrumadas decentemente; mas que o dito capitão, fingindo-se inadvertidamente, deixou vir para terra tudo que foi extranhado pelo mesmo Exm. consul portuguez e chamado para as entregar!...

Sr. João de Freitas mal vai o seu patacho—*Segredo*—com o tal devasso capitão. A immoralidade n'um navio é o maior descredito de taes casas fluctuantes. Providencias Sr. Freitas ao contrario!!...

...

POESIA

Fadinho gestoso.

Xiba, xiba, minha gente.

A armadilha terrivel
Do Bonneault relojoeiro,
E' uma casa maldita
Contra o povo hospitaleiro
Que lhe vai ter ao balcão.

*Por dentro cravos e rosas,
Por fóra mangericão!*

Tem espelhos que reflectem
Dos relógios os ponteiros,
E as pendulas simultaneas
Que marcam dos bregeiros
As horas da fintação!

*Por dentro cravos e rosas,
Por fóra mangericão*

Min não quer!